

12-09-2019

A estupidez da dicotomia

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Todos, no atual período da vida brasileira, independentes de crença religiosa, vínculos ideológicos, formação intelectual, ou qualquer outro dispositivo que se refere ao sujeito humano, está lançado num ambiente tóxico. A toxidez está presente nos alimentos envenenados, por isso, comer, em muitos casos, pode ser um fator de adoecimento; está presente nos perigos de uma sociabilidade envenenada mediada pelo vício e pela compulsão às redes. A toxidez é produto da violência social, urbana e simbólica; é uma ameaça face à instabilidade do sistema financeiro internacional e do grande cassino global que, como um jogo, estimula o desemprego estrutural, eleva a economia ao grau máximo de competição, exige a elaboração de negociatas entre Estado e corporações, retira o capital do sistema produtivo e torna a crônica instabilidade econômica um componente da crônica instabilidade da vida.

A vida tóxica - ou intoxicada -, no caso do Brasil atual, possui outro diagrama merecedor de uma reflexão: a estupidez da dicotomia. Pode-se dizer de outra maneira: a dicotomia alavanca a estupidez. Vale antes esquematizar o modo pelo qual a dicotomia se constitui e se expressa.

A essência do pensamento dicotômico é fechar o mundo em dois polos implacavelmente antagônicos: o bom ou mal; o céu contra o inferno; o inteligente ou o burro; a salvação ou o pecado; o vitorioso ou o fracassado; o mito ou o reles.

A adesão total a um polo, de olhos fechados, sem crítica ocorre negando, pejorando, afastando e alijando totalmente o outro.

A realidade se torna uma figura de apenas duas partes excludentes e incomunicáveis. Ao criar um mundo de duas partes incomunicáveis, o pensamento dicotômico destitui o processo; fecha os olhos às tensões e à complexidade que estão presentes em qualquer ser humano. E em qualquer evento social. Há na raiz da postura dicotômica um sentido de valor: se o que presta, interessa e possui significação, é apenas a posição na qual o sujeito se encontra, então o Outro deve ser alijado, exterminado. Nasce daí o ódio como produto da cegueira dual. A desqualificação do Outro, sustentada pelo endeusamento de si, faz da violência cognitiva, simbólica e ideológica, um artefato estimulador da violência física: “aquele que não pensa como eu deve ser banido”.

Produz-se, então, a postura autoritária e de discernimento frágil da realidade e do mundo. Acusar o Outro colocando-se a si como centro do universo, alijá-lo, exterminá-lo, leva o sujeito a perder a autocrítica ou a elaborar uma crítica agendada, adestrada e moralista. Estático em sua posição - pois não pode rever o que pensa, o que fala, o que observa - transforma o precioso bem humano, a capacidade de pensar, no móvel da estupidez. Essa é cunhada pela incapacidade de interrogar, de duvidar, de escutar - gradientes do pensamento íntegro, curioso, apaixonado em interpretar bem a realidade. O estúpido, assim, deixa de ser sujeito.

Embora imagine que é o dono da verdade, é apenas um comprador de uma verdade externa, pois alienou a sua capacidade de interrogar. O estúpido não pensa com autonomia. Atarraca-se numa posição impassível. Muitos autores, epistemólogos, literatos, pedagogos, educadores populares e cientistas de vários campos do conhecimento, com o prodigioso avanço do conhecimento científico no século XX, especialmente com as descobertas da teoria da relatividade de Einstein (1905), da física quântica, de Heisenberg (1925), e da incerteza, de Galbraith (1977); e também dos avanços da compreensão dialética no qual Hegel (XIX) relê Heráclito, Marx relê Feuerbach (XIX), no século XIX; o avanço na compreensão da natureza, desde Darwin (XIX) até a invenção da Psicanálise por Freud, no começo do século XX, mostraram que a dicotomia é uma postura ligada mais à moral que ao discernimento; à raiva mais que à crítica; a uma visão estática ao invés de processual.

Mas, no Brasil atual, a dicotomia se assanha em esquemas estúpidos: qualquer sinal de crítica ao autoritarismo e ao encantamento fascista do atual poder dominante parece fechar os olhos aos problemas graves do governo petista, inclusive, o de corrupção; qualquer leitura de alguns avanços sociais encetados pelo governo petista parece retirar a autoridade para fazer uma crítica ao governo bolsonarista conservador.

Em muitos casos a crítica à Bolsonaro supõe - na ordem do pensamento dicotômico - uma defesa cega ao governo petista. Delegar apoio de olhos fechados, em reflexão a um polo a ou outro desemboca facilmente na estupidez. Em ambos os casos, a veia redutora da reflexão e o modo de externalizar a polarização, além de empobrecer a lucidez, transforma o que deveria ser reflexão em violência. Pode-se dizer: promovem um apagão da rica mentalidade brasileira. De repente fecha-se os olhos para eventos históricos de extrema violência como a tortura, o exílio, o assassinato de lideranças sindicais e camponeses; fecha-se os olhos a uma das maiores desigualdades sociais no mundo; ao domínio atrasado e atávico da patronagem oligárquica; fecha-se os olhos às guerras covardes dos países ricos impetradas contra os países pobres; ao escravismo; ao preconceito racial e social, em nome de um ódio - dicotômico - contra a esquerda reduzida ao petismo.

Por outro lado, pode-se fechar os olhos às negociações entre Estado e bancos; ou ao balcão de negócios entre empresas, congressos e Estado na gerência que o PT - Partido dos Trabalhadores - fez no país. Ou a sua fragilidade para enfrentar problemas estruturais da sociedade brasileira.

A dicotomia consagra a estupidez, entristece a criatividade, faz, como bem advertiu Paulo Freire, “o oprimido hospedar o opressor em sua consciência”. A dicotomia empobrece a leitura processual das contradições do Brasil; retira o pensamento dos vínculos filosóficos e epistemológicos, ignorando os avanços das descobertas científicas e reduzindo a leitura da complexidade da política e do ser humano em apenas dois polos. O pior do estúpido é ser violento. Como se sabe, desde Einstein, “a violência fascina os seres moralmente frágeis”. A violência, filha da estupidez, entristece.

A tristeza é também um tóxico. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.